

## **Comunicação Humanitária na Emergência Climática: Reflexões Sobre uma Experiência Docente <sup>1</sup>**

Vanessa Teixeira Pipinis<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo - USP

### **RESUMO**

O trabalho apresenta algumas reflexões sobre as inter-relações entre a comunicação e a educação na emergência climática a partir da experiência docente na disciplina de comunicação humanitária ofertada em uma pós-graduação privada paulista. Busca-se sistematizar vivências e observações a partir de escolhas didáticas e metodológicas, considerando as especificidades inerentes a uma disciplina que trata de questões humanitárias e que podem envolver o sofrimento humano.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação humanitária; emergência climática; emergência; desastre; docência.

### **INTRODUÇÃO**

Os eventos climáticos extremos, a intensificação de fluxos migratórios massivos (e seus consequentes conflitos), as pandemias e as frequentes crises financeiras podem ser elencadas como alguns dos riscos que, acumulados, caracterizam o que Beck (2010) denomina sociedade de risco. As mudanças estruturais provocadas pelo avanço da industrialização e pelo desenvolvimento tecnológico promoveram uma nova forma de risco, originados no próprio progresso humano e social. Ao contrário dos riscos presentes nas sociedades tradicionais, que eram frequentemente associados aos eventos naturais, na sociedade do risco eles se tornaram globais, imprevisíveis e de difícil controle. Um outro ponto relevante levantado por Beck é a distribuição irregular do risco: de um lado as elites detêm os meios e maior capacidade para evitar ou minimizar os riscos, do outro lado a maior parte da população mundial é mais exposta, sendo que os mais vulneráveis são os que mais sofrem os impactos negativos dos riscos. As profundas incertezas estruturantes deste cenário e a percepção do risco são ainda mais acentuados pelas narrativas midiáticas. A velocidade e capilaridade da informação, em escala global, poderiam, dessa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Educação na Emergência Climática evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP e professora convidada da Faculdade Cásper Líbero, email: [vanessapipinis@gmail.com](mailto:vanessapipinis@gmail.com)

forma, aprofundar uma certa sensação de insegurança coletiva. Tanto é que a ideia de que vivemos em um período de instabilidade e incertezas parece ter sido cristalizada, embora ainda existam debates e tentativas de delimitação se estamos imersos em uma era de crises, se vivemos policrises ou permacrises (EGGER, C; ESPADA, F. 2025).

É neste contexto que o objetivo deste trabalho apresenta uma reflexão sobre as inter-relações entre a comunicação e a educação na emergência climática a partir da experiência docente na disciplina de comunicação humanitária ofertada em uma pós-graduação privada paulistana. Busca-se contribuir com os debates sobre as escolhas metodológicas, as estratégias didáticas e os percursos pedagógicos escolhidos na formação continuada de profissionais de comunicação.

### **COMUNICAÇÃO HUMANITÁRIA SE APRENDE NA UNIVERSIDADE?**

As pesquisas que se dedicam a investigar as potencialidades e desafios das aproximações entre comunicação e educação tem jogado luz sobre processos complexos, como a desinformação, a sobrecarga informacional, as questões que envolvem privacidade e segurança na internet e as desigualdades na aquisição de competências e habilidades midiáticas entre outras. Este fértil campo de pesquisa demanda ainda mais esforço teórico e empírico de pesquisadores quando as lentes de análise se direcionam para as interseções entre comunicação, educação e emergências climáticas. Nesta frente, os desafios para a criação e promoção de estratégias comunicativas resilientes, a desigualdade digital e a importância do engajamento diante das urgências climáticas e das questões humanitárias também despontam como temas relevantes.

É a partir desse cenário que a seguinte provocação é colocada: é possível ensinar e aprender comunicação humanitária na universidade? Quais seriam os principais desafios presentes nesta relação de ensino e aprendizagem? A busca por respostas se estrutura a partir da docência na disciplina “comunicação humanitária”, oferecida em um curso de pós-graduação privado da cidade de São Paulo nos anos de 2023 e 2024. A pós-graduação em comunicação organizacional atraiu um perfil heterogêneo de profissionais: embora graduados em jornalismo, relações públicas e publicidade tenham sido maioria, as turmas também contavam com profissionais de outras áreas das humanidades, como administração, direito, letras e pedagogia. A experiência e acúmulo profissional de cada um dos cursistas, entretanto, era muito diversa, já que as turmas contavam com

profissionais em diversas etapas da carreira, o que também apresenta um desafio relevante para a docência: a importância de pavimentar um entendimento mínimo e comum dos principais conceitos chave que norteiam o curso. Com carga horária de 16h (dezesseis horas) a disciplina englobou temas vinculados à transmissão de informações e elaboração de ações de comunicação em contexto de crise (VICTOR, C. e SULAIMAN, S., 2021), como desastres naturais, emergências de saúde e conflitos armados, com foco em salvar vidas, reduzir o sofrimento humano e apoiar comunidades e grupos em situação de vulnerabilidade. A partir deste eixo, o curso se estruturou em três pontos centrais:

- 1) A comunicação humanitária e suas relações com a comunicação pública, organizações não-governamentais e organizações privadas, eixo em que foram apresentados e contextualizados os principais atores da área;
- 2) Estratégias de advocacy, mobilização social e ativismo para a solução de problemas de interesse social;
- 3) Impactos dos processos de desinformação e das mudanças climáticas na comunicação humanitária.

É neste contexto que a bagagem de memórias e repertórios dos estudantes, durante aquela experiência, foi composto por fragmentos imagéticos e cenas de eventos recentes. Ao narrar alguns episódios marcantes (cujos desdobramentos foram diariamente acompanhados pelo noticiário), os estudantes destacaram o temporal devastador que atingiu São Sebastião, no litoral de São Paulo; as inundações que aconteceram no estado do Rio Grande do Sul e a chegada a pé de migrantes e refugiados venezuelanos na Operação Acolhida em Roraima com maior ênfase.

Em um momento histórico em que os eventos climáticos extremos e suas diversas consequências sociais, culturais, econômicas e políticas ganham escala, chamou a atenção um certo distanciamento e, em alguns momentos, uma certa apatia diante das imagens de dor e sofrimento humano narradas. As reflexões de Sontag (2003) nos inspiram a questionar até que ponto estamos apenas testemunhando eventos extremos ou efetivamente compreendendo-os, o que, em última análise implicaria em refletir sobre nossa postura e entendimento de tragédias recentes. A proliferação incessante de imagens, recortes, áudios, relatos, depoimentos e afins, infinitamente acessíveis nas redes sociais e

nas mídias tradicionais, não apontam, a partir desta experiência, para sensibilização e engajamento, pelo contrário. Esta é a problematização central para a qual busco ampliar sentidos a partir do diálogo com outros pesquisadores da área. Parto da premissa de que, uma vez construídos sentidos e compreensões básicas em comum, sim, é possível ensinar e aprender comunicação humanitária na universidade. Mas, em se tratando de um componente curricular que tangencia o sofrimento humano, é fundamental construir espaços de humanização e sensibilização do olhar (VALENCIO, N.; MARCHEZINI, M. S.; GONÇALVES, J. C., 2009)

### **COMO ENSINAR E APRENDER COMUNICAÇÃO HUMANITÁRIA? REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA**

Para dar conta de uma disciplina que abarca tantos conteúdos e privilegia a reflexão crítica por parte dos estudantes, foram adotadas as seguintes estratégias didáticas:

- a) Exposição teórico – dialógica: em todos os momentos da aula foram privilegiados e incentivados o debate e a reflexão coletiva, tomando como ponto de partida a leitura dos textos e as elaborações formuladas durante o curso;
- b) Trabalho com imagens: buscou-se problematizar e refletir criticamente sobre as imagens que circulam amplamente e que traduzem, em alguma medida, o sofrimento humano. Partindo da seguinte pergunta disparadora “essas imagens sensibilizam ou nos anestesiaram diante do sofrimento humano?” foram criados espaços para reflexão crítica e aprofundada sobre o assunto;
- c) Estudos de caso: a partir de casos concretos que envolvem diversos atores (públicos e privados), realizamos um debate em pequenos grupos sobre estratégias de comunicação em contextos de risco e também realizamos debates sobre a promoção da saúde mental dos profissionais de comunicação que atuam nesta frente (VICTOR, C., 2023).

Ainda que as escolhas didáticas tenham sido ajustadas diante do perfil e repertório dos estudantes, é possível mapear alguns desafios encontrados. O primeiro deles diz respeito a um certo estranhamento com a disciplina e os temas abordados. Por mais que

a formação inicial dos comunicadores explore temas como terceiro setor e organizações da sociedade civil (em alguns cursos denominada comunicação comunitária ou comunicação para a cidadania), ainda há significativo desconhecimento quando o tema é a comunicação em contextos humanitários ou de emergência e desastres, bem como quando o assunto é emergência climática. A causa humanitária e a comunicação de risco ainda são, e modo geral, distantes dos repertórios formativos dos cursistas.

Um segundo desafio mapeado foi aprofundar a compreensão de possibilidades de atuação dos atores estudados (agentes públicos, privados e terceiro setor) na sociedade de risco. Para suprir esta dificuldade buscou-se estudar de uma maneira verticalizada sobre a contextualização de cada um deles, para que pudéssemos, juntos, responder à pergunta: que tipo de comunicação humanitária é possível, para cada um desses atores, em um cenário de emergência climática? As perguntas disparadoras e os estudos de caso foram essenciais para avançarmos nos conteúdos previstos.

Por fim, um outro desafio mapeado é que estou chamando *entendimento do risco*. O acúmulo e a presença significativa do risco nos nossos cotidianos, que passa a ser vivido como algo “onipresente”, possibilitaria, para BECK (2010, p. 361) três reações: a negação, a apatia e a transformação. Durante a produção deste relato de experiência, penso ser este o desafio maior: como promover um processo pedagógico que mobilize, que encante e que promova a ação para a transformação social? Diante do pouco tempo disponível para a disciplina e da limitação de tempo de estudos para estudantes trabalhadores, como garantir a aprendizagem aprofundada de elementos básicos e estruturantes sobre a comunicação na sociedade do risco? Estas são perguntas em aberto e com as quais pretendo dialogar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho se estrutura a partir de uma provocação: a comunicação humanitária se aprende na universidade? Busco sistematizar estratégias e práticas docentes que considero exitosas, ainda que apresentem limitações. Uma delas é a própria temática central da disciplina, que engloba temas sensíveis como o risco, o desastre e as emergências humanitária e climática. Ainda que as limitações de tempo, estrutura e condições para o estudo verticalizado sejam, em muitas vezes, incontornáveis, é possível aprender comunicação humanitária na universidade. Ainda que seja necessário

aprofundar contextualização, trazer elementos históricos e retomar alguns conteúdos previstos na formação inicial dos comunicadores, é possível promover uma aprendizagem que garanta empatia e engajamento para a transformação social. As escolhas didáticas que elenquei sinalizam para esta possibilidade, embora, evidentemente, seja necessário ampliar os espaços de aprendizagem: seja na formação inicial, na formação em serviço ou em cursos livres, por exemplo. Os caminhos são muitos e todos eles são necessários diante do enorme desafio que é garantir uma formação crítica e robusta para os profissionais da comunicação diante da sociedade do risco.

## REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco. Rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

EGGER, C; ESPADA, F. 2025. Understanding the crisis of the humanitarian action in the age of climate change. In: **Alternatives Humanitaires**, Issue 28, March, 2025. Disponível em: <https://www.alternatives-humanitaires.org/en/parution/issue-28-the-crisis-of-the-humanitarian-action-in-the-age-of-climate-change/> Acesso em 31/03/2025

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VALENCIO, N.; MARCHEZINI, M. S.; GONÇALVES, J. C. **Sociologia dos desastres – construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. São Carlos: RiMa Editora, 2009.

VICTOR, C. e SULAIMAN, S. Para além da informação. **Modelos e recursos para a comunicação de riscos**. IN: GIRD +10. Caderno técnico de gestão integrada de comunicação de riscos, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/protecao-e-defesa-civil/gestao-integrada-de-riscos-e-desastres>

VICTOR, C. **Silêncio na redação – a saúde mental de jornalistas na abordagem da comunicação de riscos**. Reciiis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 112-133, jan.-mar. 2023.